

# JORNAL DE GARVÃO

Nº 26 - Março de 2020

0,50 Euro

<http://garvao.blogs.sapo.pt/>

## CIRCUITO ARQUEOLÓGICO DA COLA

Pag. 8

## Os Espanhóis de Garvão Pag. 4



## Dissabores de um Alcaide-pequeno Pag. 4

## CHOCALHOS Uma vez fui à feira de Garvão Pag. 11

## 80 ANOS DEPOIS Reedição do Livro SUL E SUESTE

Pag 2



## Ritual de Sacralização Fundação do Depósito Votivo de Garvão Pag. 6/7

# Editorial

## APOIO ÀS ACTIVIDADES EDITORIAIS

Várias Câmaras Municipais, de Norte a Sul do país, reconhecem a importância de que se reveste a atividade editorial, entendida como veículo de divulgação e promoção de autores emergentes, de edições de autor, que contribuam para a vivificação cultural no concelho e para a diversificação da sua oferta literária.

Incentivam assim um regime de apoio à atividade editorial através do qual procuram encorajar a criação literária e artística e/ou educativa e viabilizar o aparecimento e afirmação de novos autores, transversalmente a várias faixas etárias, experiências de vida e áreas diversificadas, como seja a área educativa, cultural, desportiva, social, ambiente e multidisciplinar inclusivamente a área patrimonial, em particular na área do património imaterial local e regional.

Pretendem ainda apoiar a área de empreendedorismo cultural de capacidade criativa, a área da deficiência, do multiculturalismo e integração, bem como a área adstrita ao género e igualdade de oportunidades ou questões sociais emergentes da contemporaneidade.

Nos termos e condições desses apoios, têm prioridade a edição de obras que contribuam para o conhecimento do respectivo concelho, na área da história, antropologia, cultura local, obras literárias em verso ou em prosa, de autores emergentes, de reconhecido valor científico, literário ou cultural, designadamente:

- A edição de livros ou publicações de autores nascidos ou residentes no concelho;
- A edição de livros ou publicações por entidades particulares e instituições legalmente constituídas com sede no concelho;
- A edição de livros ou publicações de autores e entidades ou instituições exteriores ao concelho, mas que tenham manifesto interesse, direto e excecional para o concelho.
- Poderão ser apoiadas obras mistas que prevejam a integração fotográfica, fonográfica e/ou videográfica, em CD/DVD.
- Os apoios previstos são também aplicáveis a teses de mestrado ou doutoramento.
- Os apoios a projetos de edição consistirão na garantia, com base numa deliberação de câmara, de aquisição, ao preço de capa, de um número de exemplares, ou de um apoio monetário direto, num máximo anual a definir no orçamento municipal, considerando a totalidade das edições a apoiar.

## REEDIÇÃO

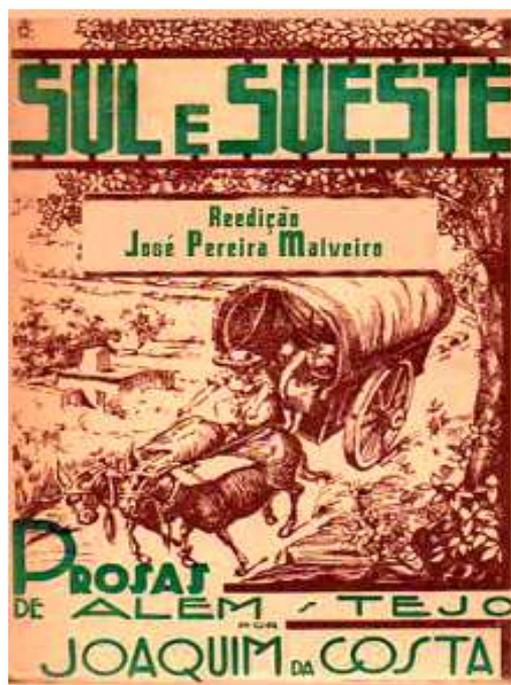
### Do Livro “SUL e SUESTE”

Em 1940 Joaquim da Costa, natural de Garvão, publicou através das oficinas da Gazeta do Sul no Montijo, o livro “SUL e SUESTE- Prosas de Além-Tejo”.

Joaquim da Costa era natural de Garvão, irmão de José Júlio da Costa que matou o presidente da república Sidónio Pais em 14 de dezembro de 1918 e de Celestino da Costa, primeiro presidente da Junta de Freguesia de Garvão depois do 25 de Abril de 1974.

Este livro, apesar de tratar essencialmente de lugares e famílias de Garvão, passa despercebido hoje em dia, com um total desconhecimento sobre este nosso conterrâneo e a sua obra, contudo trata-se de uma série de crónicas, que nos brindou, relativas a esta parte do Alentejo em geral e a Garvão em particular, nos vários contos e novelas deste livro, fruto da sua infância e da sua memória.

Era livro obrigatório de leitura, nas casas dos



lavradores da região, era guardado religiosamente. Ainda nos anos setenta do século XX, havia lavradores que embrulhado em pano, o conservavam na arca juntamente com outros pertences mais valiosos.

Era livro de leitura, nas longas noites de Inverno, entre outras histórias, contadas de geração em geração para delícia de miúdos e graúdos nos serões de Inverno, em volta do lume debaixo do chupão, ou nas soleiras das portas, nas noites quentes de verão.

Esta edição, não vai só homenagear este nosso conterrâneo, como, igualmente dignifica a vila de Garvão e é um contributo para a sua valorização, porque, como diz o ditado “um povo sem memória é um povo sem futuro”.

Pretende-se, assim, reeditar esta obra, cujo contributo para a memória e história das gentes de Garvão, é demasiado valioso para que fique esquecido e ignorado nas prateleiras incógnitas do passado.

JORNAL DE GARVÃO

<http://garvao.blogs.sapo.pt/>

Largo D. Afonso III, 7670-125 Garvão

Redacção: José Pereira Malveiro, José Daniel Malveiro

Publicado: Ao abrigo da lei de imprensa, 2/99 de 15 de Janeiro, artigo 9º nº 2.

Registado: No Instituto Nacional de Propriedade Industrial: Marcas e Patentes.

TIPOGRAFIA: Edição do Autor - Garvão



# Vestígios Arqueológicos Encontrados em Ourique

Correio Alentejo 18/09/2018

As obras de requalificação do centro histórico de Ourique, promovidas pela autarquia local, revelaram um conjunto de importantes testemunhos patrimoniais reveladores da história da vila, da população e dos seus hábitos comunitários de outros tempos.

De acordo com fonte da Câmara Municipal, “nas ruas de acesso ao ‘castelo’ foram descobertos mais de 100 silos medievais” esculpido na rocha do subsolo, que eram utilizados “como contentores de cereais” e que tinham no seu interior “vestígios de louças de cozinha, louças de mesa, vidros, conchas, ossos de animais variados e objectos metálicos como uma espada, alfinetes, anéis, moedas, botões e dedais”.

Já na Praça do Município, continua a mesma fonte, “foram encontrados os alicerces de um grande edifício, correspondendo eventualmente à Igreja Matriz que existiu até ao século XVIII”, sendo que na sua envolvente “descobriu-se o antigo cemitério, tendo os trabalhos arqueológicos já identificado cerca de 20 esqueletos sepultados”.

A autarquia revela que após as escavações o trabalho prosseguirá com o tratamento, a análise e o estudo dos materiais arqueológicos recolhidos, para a obtenção de mais informações sobre o passado ouriquense, sendo que durante os trabalhos de campo têm sido realizados modelos 3D dos achados arqueológicos a partir de levantamentos fotogramétricos, “que permitirão a apresentação digital dos silos e das sepulturas”.

A Câmara de Ourique, juntamente com a ATALAIA-Associação dos Amigos da Cultura e das Artes, que desenvolve os trabalhos de arqueologia, e o Centro de Arqueologia Caetano de Mello Beirão, contam apresentar oportunamente e de forma pública os achados arqueológicos encontrados.



# Zona Arqueológica No Alentejo Litoral Revela Novos Achados

Rádio Campanário 18 Jun. 2018

Escavações na zona arqueológica de Miróbriga (Santiago do Cacém), estão a revelar o que os especialistas pensam que terá sido uma zona de mercado da cidade romana.

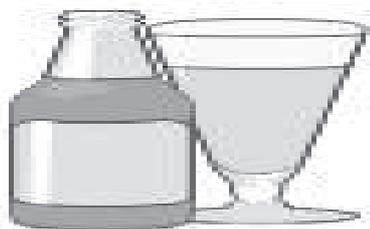
Os novos achados da equipa de escavação, da Universidade Nova, passam por cerâmica utilitária, como olarias, panelas e caçarolas, fragmentos de ossos de animais como o porco, e máscaras de teatro decorativas.

Os trabalhos decorrerão até ao dia 22 de junho, no âmbito de um projeto de investigação que visa o estudo das áreas comerciais da cidade romana de Miróbriga, resultante de uma parceria entre a Direção Regional de Cultura do Alentejo, o Município de Santiago do Cacém e a Universidade Nova de Lisboa, contando ainda com a participação de alunos da Universidade de Reading, Inglaterra.

A cidade romana de Miróbriga encontra-se classificada como Imóvel de Interesse Público desde 1940, sendo que o sítio arqueológico é visitável e contém vestígios de casas, balneários públicos, fórum com a sua praça, templos, edifícios públicos e as áreas comerciais que o circundam, dispondo ainda de um centro interpretativo.



## Café Central



Manuel Bárbara dos Reis  
Comidas e  
Dormidas

Telef. 286 555 113

Lg. da Amoreira, 3 – GARVÃO



# Os Espanhois de Garvão

## Joaquim Domingos

### “Espanhol”

**Na vila de Garvão temos famílias que apesar do nome próprio e familiar são conhecidas pela alcunha de “Espanhol” ou “Espanhola” conforme o caso.**

Ainda há relativamente pouco tempo, vários elementos da família Domingos, moradores na Sardoa, eram conhecidos pela população por “Espanhol”, nomeadamente o avô Joaquim Domingos e o neto Manuel Domingos.

Esta vinda de espanhóis para o Alentejo aparece documentada nos vários assentos de baptizos, (como pais dos recém-nascidos), casamentos e óbitos das várias paróquias no início do século XIX, onde consta não só o nome dos pais e avós no caso dos recém-nascidos e pais dos nubentes e falecidos como igualmente a naturalidade dos mesmos.

Assim nos vários assentos da paróquia de Garvão consta indivíduos nascidos em Vilanueva de Castelejos, El Almendro e doutras terras Onubenses, em Espanha.

Encontra-se assim os Domingues, ou na aporuguesada forma de Domingos, a morar na Sardoa como já se mencionou, mas igualmente os descendentes dos Barra, naturais de Castelejo, a morar na rua Direita desta vila, dos quais uma descendente veio a casar com um Malveiro, encontra-se igualmente o registo de uma Maria Isabel, natural do Castelejo, igualmente casada com um Malveiro, encontra-se também outras famílias oriundos da mesma região.

O movimento inter-fronteiriço de pessoas, por motivos mercantis, nos dois sentidos, caracterizava as relações destas povoações da raia portuguesa-espanhola desde os tempos mais remotos e o que até à introdução e fiscalização das modernas fronteiras era entendido como uma actividade costumeira e secular, passou-se a classificar, (a normal troca de produtos), como contrabando e como tal punível por lei, com enormes consequências para estas populações, nomeadamente os mais recentes “contrabandistas” de café e açúcar, vítimas de perseguição, prisão, violência e perda dos produtos e bens monetários, com enormes repercursões nas vivências diárias destas gentes.

Sobre as actividades mercantis destas populações existe um livro de fianças do reino de 1789 respeitante à Alfândega de Alcoutim, (na Torre do Tombo), onde menciona o movimento destas gentes da raia de Espanha para o Sul alentejano, “Uma percentagem acima dos 95% indica-nos nomeadamente de Villanueva de los Castillejos, Almendro, S. Lucar, Alosno, Moguer, Villablanca, Alcaria Puebla, Torredonjimeno (Jaén), Granado, Almendralejo, Cádiz...

Este Livro da Alfandega de Alcoutim, divulgado pelo Professor Dr. Hugo Cavaco – “Alcoutim no Último Quartel do Sec.XVIII: Arrematações de Rendas e Fianças – Retrato do Concelho”, menciona igualmente de que estas gentes, “Dirigem-se em regra para o Baixo-Alentejo e Algarve, às vezes para Évora e Lisboa ou para Espanhas sem indicar localidade.

*Fala-se no ofício de oleiro, barbeiro, caldeireiro e soldador (estes espanhóis), mas nada mais se adianta sobre qualquer outra actividade que fizesse lembrar a Indústria.*

Adianta igualmente o que o dito livro menciona sobre a mercadoria afiançada, “Para além do animal de transporte, declara-se, na maior das percentagens: “a girar”, isto é, à procura de qualquer negócio que se possa realizar, sem escolha prévia. Depois, outros tratos mercantis se nos deparam, tais como – comprar mel, “farrobas” em Tavira, venda de azeite e copos de vidro, levar fazendas, capachos, figo, esteiras e cera para Espanha, cobrar dinheiros, comprar peixe (atum) em Tavira, vender sal e “panos pretos da Serra”, negociar reses, “fazer feiras” em Garvão, Beja, Loulé, Tavira, Vila Real de Santo António e Faro, levar erva-doce e “cetim de seda” para a Corte de Lisboa. Outras vezes passam a fronteira “de vazio”, visitam familiares que residem fora do seu país, vão a banhos a Monchique.

Com as invasões francesas em Espanha a partir de 1810 assistiu-se igualmente à fuga destas gentes para o Sul alentejano devido aos actos de represálias e violências cometidos contra as populações de certas localidades Onubenses, nomeadamente as povoações de Vilanueva de los Castellejos e da vizinha vila de El Almendro, (embora juntas a primeira pertencia ao condado de Niebla e a segunda ao marquesado de Gibraltón), situadas a cerca de vinte quilómetros da raia portuguesa na confluência do Alentejo com o Algarve.

Existe igualmente documentação que atesta não só o regresso destes imigrantes às suas terras de origem, em Espanha, como igualmente a revinda destes, possivelmente porque já tinham criado raízes em Portugal e de novos imigrantes quando a situação politica se apresentava instável como nas lutas entre liberais e absolutistas entre os anos de 1814 e 1833, “uns por serem favoráveis ao Antigo Regime, outros por serem liberais ou “afrancesados”, outros ainda – e é um dado muito curioso – por simples deserção das tropas ou antes de serem incorporados nas mesmas”, Segundo informação de Miguel Centeno Neves, in: <http://geneall.net/pt/forum/75837/de-vn-de-castellejos-espanha-para-o-algarve/>

# ANTÓNIO

VENDA E ASSISTÊNCIA TÉCNICA

Rádios e Televisões

Telef. 286 555 111

**GARVÃO**

**B. P. & P. Lda.**  
CONSTRUÇÃO E REMODELAÇÃO  
Batista Pereira & Pereira, Lda.

Construção e Remodelação

Rua Quinta da Silveira, Lt. 559 • 1675-818 Famões • Casal da Silveira  
Telef.: 96 648 50 19 - 96 232 15 49 Fax: 21 986  
E-mail: baptistapereira2001@sapo.pt

# ALUMIGARVÃO

Carlos Silva & Silva, Lda.

Tlm. 934 059 158

Caixilharia de Alumínio e Madeira

Montagem de Estores

Portões Basculantes e de Fole

Tectos Falsos Orçamentos e Deslocações Grátis

Tel./Fax 286 555 164 – Rua Nova 25-B – GARVÃO



# Dissabores de um Alcaide-pequeno ao efectuar uma prisão

**Documento da Chancelaria  
de D. Afonso V, Livro 30, fólio 12.**

Segundo Luís Miguel Duarte, *Justiça e Criminalidade no Portugal Medieval*. Em Garvão (...), pai e filho, avisados de uma rixa, “*sayram com senhas lanças nas mãos pêra averem d’estremar*” os desavindos. E encontraram alguns homens “*apegados em huum Estevam Junqueiro seu primo parecendo lhe que davam nelle e lhe[s] disseram que o leixassem e elles o leixaram nom cuidando que elle estava presso*”.

O alcaide, Estêvão Luís Viseu presenciou o incidente. Mais tarde, “*foram dizer*” ao juiz da vila que pai e filho tinham tirado o preso, Estêvão Junqueiro, da posse do alcaide. O juiz manifestou o propósito de prender de imediato os dois, ao que o suplicante, Afonso Eanes Carrasco (o filho) respondeu “*que nom avia porque porque elle nom sabia que o Junqueiro estava preso nem o tirara salvo quanto lhe parecera que davam nelle e que hy estava o dicto Estevam Junqueiro que elle juiz bem poderia mandar prender o que elle juiz fazer nam quisera por nom teer delle querella nem denunciaçam algua soamente porque diziam que alevantara arroydo*”.

A candura do relato é prejudicada pelo facto de, contra Afonso Eanes Carrasco, penderem mais três acusações de violência - mas fica a história (Chanc. Af. V, L. 30, fól. 126).

A figura do Alcaide, como representante do rei, governador de vilas dotadas de fortificações depois da reconquista cristã em Portugal aparece amiúde na Carta de Foral de Garvão. A denominação derivou, contudo, do árabe, Al-Kaid ou Al-caid, pois na altura da presença muçulmana conheciam-se como alcaides os governadores de províncias ou de praças.

A partir da época cristã, os alcaides (também chamados, num período inicial e por inspiração romana, de pretores, e depois de alcaides-mores ou maiores) viram a sua jurisdição alargada até abranger os territórios vizinhos.

Estes funcionários pertenciam à nobreza e tinham como missão a defesa militar da vila e o desempenho de funções

judiciais e administrativas, prestando contas diretamente ao rei. Nas alturas em que se tinha de ausentar da vila, era nomeado para o substituir um alcaide-pequeno ou alcaide-menor.

O rei D. Dinis chegou a emitir forais em que impedia os alcaides de desempenhar funções judiciais, restringindo-os às militares. O título de alcaide era hereditário e tornou-se, a partir do século XVII, apenas sinal de honra e prestígio, visto que as funções que tradicionalmente desempenhara deixaram de existir. Estas mesmas funções, de gestão e coordenação, fizeram com que o título fosse assimilado em outros âmbitos, como a justiça (alcaide da vara), a educação das crianças da nobreza (alcaide dos donzéis) e os ofícios marítimos (alcaide do navio), por exemplo.

Em relação aos presos o Foral de Garvão determina que o alcaide manteria na sua posse os bens do detido mesmo que apresentasse fiador antes ou depois do encarceramento no castelo, contudo, como se observou, só aos juizes cabia a ordem de captura, assim como teriam de ter conhecimento se à sua revelia alguém fosse preso e teriam de investigar, ao alcaide se não obedecesse às ordens dos juizes era-lhe vedado o direito de receber direitos de carceragem, “*Todo homem que o alcaide prende e der fiador ante que ao Castello uaa daremno com todo o seu. E se fiador non acha e o leuam ao Castello depoyes que der fiador daremno com todo seu. e se poyes lly podem poer perante os juizes que feytor é daquillo que li apoem dê V soldos de aliubádigo e se llo non podem poer non nos dê.*” (fl. 7r)

Contudo, as pelepas causadas pelos vizinhos nos termos da vila ou fora da área do concelho, os mesmos costumes estipulam igualmente de que terão de ser resolvidas pelo alcaide, no lugar dos Juizes, desde que estes não fossem capazes de o resolver, “*Peleia que pelegem vezinos na villa ou fóra da uila se foren y os juyzes emfiinnos pera dereyto que façam dereyto perantelles. e se os juyzes se sy non acertarem traue en eles o alcaide e enfiios pera dereyto dos juyzes. e se for de morte non nos dê por fiadores e uirem os juyzes e fazerem y com no alcaide todo dereyto aquelo que iaz en sa carta.*” (fl. 7r)

**Café Beira Linha**  
ALMOÇOS E  
JANTARES  
Telef. 286 555 199  
ESTAÇÃO DE GARVÃO

**Café Futuro**  
Almoços e Jantares  
Rua do Álamo  
— Internet Wireless —  
Associação Futuro de Garvão

Cont. N.º  
901 697 621  
  
MANUEL BARTOLOMEU ROMÃO, HERD.º  
ARMAZENISTA e DISTRIBUIDOR  
Telef. 286 555 120 — Telef. / Fax 286 512 848  
E.N. 123 KM 47,8  
OURIQUE



# Ritual de S Fundação do Depósito

**Em Garvão, distrito de Beja. A pesquisa arqueológica, desenvolvida na década de 80 do século XX, indica que a primitiva ocupação humana remonta, pelo menos, ao Bronze Final.**

**No «Cerro do Castelo», uma elevação no interior da própria vila, detectou-se, em 1982, na sua zona central, uma fossa, coberta por lajes de xisto, dentro da qual se encontrava um crânio humano, separado do respectivo esqueleto e com indícios de trepanação.**

Estava associado a alguns ossos de animais, bem como a um grande conjunto de cerâmicas pisadas, ao que parece, propositadamente; «talvez os últimos restos de um ritual de sacralização, ou de fundação do depósito, anterior à deposição dos objectos votivos», datado da segunda metade do século III a. C. Ainda na opinião de alguns autores, todo o espólio encontrado poderá implicar a existência de um eventual ritual *de libação sacralizadora, relacionado com um sacrifício humano [...]* O crânio localizado na base do depósito pertenceu a uma mulher [...]. *A morte foi-lhe provocada por três golpes desferidos na zona occipital e parietal por um instrumento contundente, pesado, dotado de um gume curvo pouco penetrante, que incidiu obliquamente sobre a cabeça da vítima [...]* a vítima encontrar-se-ia deitada em decúbito ventral, quando lhe foram desferidos sucessivamente três golpes. Qualquer um deles seria o suficiente para lhe provocar a morte [...]. A morfologia das lesões sugere que o instrumento utilizado terá sido um machado de pedra polida de que, aliás, se recolheu um exemplar no depósito. O crânio foi então separado do corpo; a forma como isso se deu e o espaço de tempo que mediou entre este facto e a deposição do crânio como elemento ritual na criação do depósito votivo são, no entanto, indetermináveis [...]. Parece certo que, no topo do Cerro do Castelo de Garvão, existiu o santuário a que o depósito secundário corresponde.

Partindo deste exemplo de Garvão, vamos agora examinar quanto as dádivas funerárias ou objectos votivos nos podem também ajudar a fortalecer a hipótese da existência de um culto das cabeças, desde longa data.

Este sítio ter-se-á revestido de uma considerável importância, uma vez que foi reutilizado ao longo dos tempos, chegando ao período romano, como o atesta a presença de duas colunas de mármore de um possível templo dessa época, recolhidas na própria vila de Garvão.

O considerável conjunto de recipientes cerâmicos constituintes de um possível depósito secundário de peças

votivas, os inúmeros artefactos pertencentes ao domínio do sagrado, como seriam os ídolos de cornos e os ídolos falange, ajudam-nos a tecer algumas considerações e a incluir este achado dentro da tradição cultural céltica.

Sem esquecer, contudo, que, nas suas datações mais recentes, são já bem visíveis outros sincretismos com tradições especificamente mediterrânicas. Todo o depósito de Garvão continha uma enorme variedade de cerâmicas, objectos de ouro, prata e bronze, cornalinas e vidros, cuidadosamente arrumados, numa vontade aparente de organização do espaço disponível.

O santuário faria parte de um povoado de origem antiga e de longa sobrevivência, e a grande acumulação de ex-votos indicia um ritual público, muito concorrido pela população das regiões circundantes.

Nas suas fases mais tardias, nas sociedades já fortemente hierarquizadas da Idade do Ferro peninsular, os actos de carácter religioso terão sido, tal como os mitos e os seus rituais em épocas paleolíticas, um modo de coesão e de agregação social, e este santuário, «certamente incluído numa mais complexa estrutura com finalidade religiosa», parece ser um dos locais paradigmáticos e demonstrativos de tal contexto organizacional.

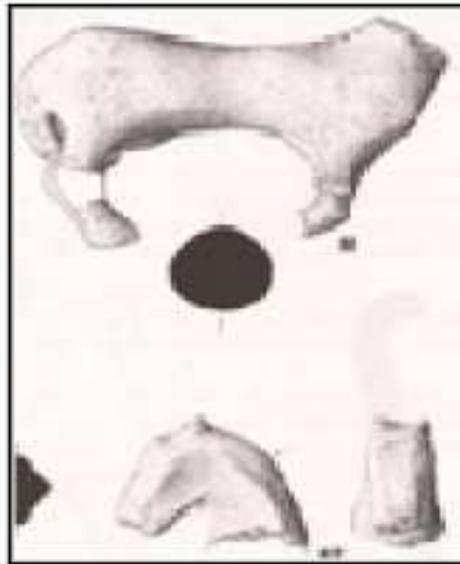
**A natureza dos objectos encontrados neste sítio arqueológico mostra igualmente que estamos numa época de forte desenvolvimento comercial entre o Ocidente e o Oriente.**

Havendo indícios claros das componentes civilizacionais da chamada civilização tartéssica, da fenícia ou da grega. No entanto, isso

não exclui a base étnico-cultural céltica a que pertenceriam estas populações, que naturalmente adoptariam não só o que teria significados semelhantes, como o que lhe era exótico, até por uma questão de prestígio social, no que toca aos grupos de elite.

Mas esta componente céltica é reconhecida unanimemente pelos historiadores, mesmo por parte daqueles que continuam a manter a ideia de invasões ou migrações desses povos para a Península apenas no século VII ou VI a. C. Garvão poderá inserir-se, por um lado e pelo que reflecte de mais tardio, no culto das cabeças cortadas em contexto guerreiro e, por outro, dentro do culto das cabeças inserido em rituais fundacionais e de soberania.

**Parece, com efeito, não haver dúvida de que em Garvão se efectuou um sacrifício humano, prática dada como certa entre os povos do Ocidente peninsular**



Depósito votivo de Garvão

# Sacralização do Depósito Votivo de Garvão

da Proto-História, descrita por escritores como Tito Lívio, Plutarco, Estrabão ou Diodoro de Sículo.

Estas descrições referem-na ainda como havendo uma «aparente associação de homens e cavalos num contexto ritual eminentemente guerreiro e a importância da dimensão adivinhatória do sacrifício de vítimas humanas». A respeito desta associação mencionada pela investigadora Maria João Santos, um dos elementos encontrado neste depósito é precisamente a estatueta de cerâmica de um cavalo. Curiosamente, não tem cabeça. Porém, a razão desse facto infelizmente não é concluyente, pois pode ter sido accidental.

Mas também se encontrou, isolado, um prótomo de cavalo de cerâmica, possível parte de um recipiente. Mas a autora acima citada, para além de nos dar exemplos dessa associação no mundo indo-europeu, relacionados com sacrifícios humanos de carácter guerreiro, lembra-nos também a tradição céltica existente no Ulster referente ao ritual de consagração real, ou ritual de fundação de um novo reinado, expresso na cópula ou na ingestão de um animal sagrado, como é, entre outros, o caso do cavalo. *Um aspecto que merece sem dúvida atenção é o facto de que, na tradição indo-europeia, as festas destinadas às divindades guerreiras se celebrarem habitualmente no solstício de Inverno [...] O sacrifício do cavalo que parece protagonizar estes ritos, sempre relacionados com a figura do rei, assume particular importância, sendo destinado à renovação das forças em declive do monarca no final do ano[...].*

Forças essas que estão em consonância com os movimentos cíclicos da natureza, comandados pela Terra-Mãe, transfigurada nas épocas pré-históricas mais recentes nas várias versões das deusas-mães e das deusas da soberania. E, como bem recorda Maria João Santos, na Península Ibérica, este tema subsiste «nas correrias de jovens mascarados realizadas ainda hoje nas festas de Inverno e de Ano Novo do Norte de Portugal». Mencionem-se a Festa dos Rapazes ou a Serração da Velha, em Trás-os-Montes, em que alguns rapazes envergam, ritualmente, trajes femininos (a fiandorra – fiadeira – e as madamas) e ostentam máscaras, com uma iconografia animal sugestiva, como uma serpente esculpida no rosto.

**É deste modo que esta cabeça de Garvão, ao que tudo indica deliberada e ritualmente cortada, poderá atestar um segundo contexto: o contexto de ritual de fundação.**

Semelhante ao verificado anteriormente com as cabeças de auroque, um par de milénios antes, em possível homenagem a um deus masculino ainda não antropomorfizado, conotado com a energia vital deste animal. Mas os múltiplos restos animais e os vários tipos e formas de cerâmica serão também indicativos dessas refeições e libações rituais que poderiam decorrer, talvez, ciclicamente, como as cerimónias solsticiais, tanto no interior do santuário – para alguns, supostamente os membros da elite sacerdotal e/ou guerreira – como no exterior, para a demais população. E não falta, entre o espólio, um pequeno címbalo de prata, alusivo à realização de práticas musicais, próprias dos banquetes cerimoniais. Em articulação com estas várias facetas, e relembrando os rituais célticos da união – sexual ou através da ingestão de um animal sagrado – entre o rei e a deusa da soberania para legitimação do poder real, parece-nos estar o facto de, neste santuário de Garvão, a cabeça ser a de uma mulher e de haver uma presença marcante de objectos votivos representando a forma feminina.

Disso são exemplo certas estatuetas e pequenas cabeças toucadas ou com penteados atribuídos ao feminino, chegando uma delas a ser conotada com uma divindade indígena, semelhante à Tanit fenícia/cartaginesa ou a Deméter, à maneira do sincretismo religioso já mencionado.

Estes são, certamente, alguns dos sinais possíveis do pensamento mítico céltico acerca do poder da terra e da produção – o terceiro poder, segundo Dumézil –, que residiriam na mulher/rainha, personificação da deusa da soberania.

Outros achados conjugam-se bem com esta interpretação: são múltiplas as placas oculadas, de ouro ou prata, indicando a popularização e a continuação de mitos e práticas cujas origens podem remontar aos vasos e aos «ídolos oculados» do Neolítico, comumente aceites como sendo representações da deusa-mãe, tema a mencionar a seguir.

Neste, encontrou-se um vaso dedicado à deusa Sequana, deusa cujo paralelismo com essoura deusa céltica da soberania, Brigitte, foi já referido. Essas peças, devendo reflectir igualmente o resultado de curas, especialmente de carácter oftalmológico, acontecidos por intervenção divina, mostram-nos o possível carácter profiláctico do lugar; mas mostram também a continuidade das crenças que vão prolongar-se pelos tempos cristianizados e chegar até hoje, sempre consubstanciados numa personagem feminina, a divindade, por excelência, da fertilidade, da regeneração e da cura. Dessa cristianização será exemplo Santa Luzia, a quem ainda hoje, bem perto de Garvão, se oferecem ex-votos constituídos por placas oculadas de prata, culto aliás muito difundido também na Andaluzia; emblemática é, igualmente, a sua veneração no Santuário de Santa Luzia, em Viana do Castelo e no Minho.

In: Gabriela Morais, Contributos Portugueses para o Estudo do Culto das Cabeças



Depósito Votivo da II Idade do Ferro de Garvão



# O CIRCUITO ARQUEOLÓGICO DA COLA

Em 2007, Patricia Mareco, na sua dissertação sobre os Sítios Arqueológicos e Centros de Interpretação em Portugal – Alentejo e Algarve, alertava para o estado pouco recomendável em que se encontrava o circuito arqueológico do Castro da Cola e as devidas recomendações para a sua valorização.

Dez anos depois nem se travou o estado deplorável denunciado por Patrícia Mareco, nem as suas recomendações foram implementadas.

## ENQUADRAMENTO LOCAL

O Castro da Cola, encontra-se classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1910, traduzindo assim a sua importância em termos nacionais. Difere dos restantes itinerários arqueológicos devido à forma como foi planificada a sua promoção e organização da visita, já que abarca circuitos, que conduzem o visitante a diversos pontos de interesse turístico.

Situa-se no interior do Baixo Alentejo, mais exactamente no concelho de Ourique, num território onde o Rio Mira e as suas margens abrigaram populações desde os tempos mais remotos, desenvolvendo actividades ligadas à agricultura.

Este sítios ilustram diversas épocas e revelam a evolução humana ao longo dos tempos, numa área onde o clima era seco e no qual a água era um bem precioso e raro.

## O CIRCUITO ARQUEOLÓGICO

O circuito possui quinze pontos de relevância, mas nem todos estão disponíveis para o visitante comum, devido aos

difíceis acessos. Deste modo, o IPPAR pretende adquirir, num futuro próximo, um jipe para colmatar tais dificuldades, garantindo assim o acesso a todos os sítios mesmo os mais complicados como é o caso da Alcaria de Fernão Vaz, ainda não disponível ao comum turista/visitante.

O Castro da Cola, o ponto central, encontrámos inúmeras dificuldades, nomeadamente a própria leitura (imediate) das ruínas dada a existência de inúmeras ervas que coabitam, descontroladamente, com os vestígios, pouco perceptíveis aos olhos do turista.

O difícil acesso e a deficitária leitura das placas dispostas pelo Castro da Cola, quase inviabilizam a compreensão do sítio. Torna-se imperativo o acompanhamento efectivo de um guia para que seja possível usufruir do local.

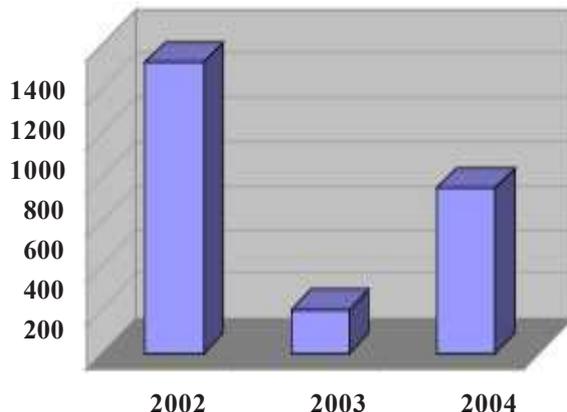
As placas explicativas apresentam a mensagem principal escrita apenas em português.

O Circuito Arqueológico da Cola é um espaço, actualmente, pouco apelativo e acessível.

Baseado no inquérito enviado ao Circuito Arqueológico da Cola identificamos uma grande oscilação no número de visitantes anuais, realçando o decréscimo registado no ano de 2003 e a posterior retoma no ano seguinte.

Urge valorizar o local e esteitar a relação patrimonial entre o público e a população local. Como tal é urgente criar meios de análise que conduzam à avaliação e/ou adopção de estratégias eficazes para atingir o fim principal – atracção de turistas/visitantes.

Visitantes Anuais ao Circuito da Cola



**Salão Mila**  
Emília M.<sup>a</sup> Mestre Maia M.  
Telef. 286 555 201 Rua Nova, 15-A  
Telem. 965 779 545 GARVÃO

**Café Nascer do Sol**  
ALMOÇOS - PETISCOS - JANTARES  
Tel. 286 555 347 - GARVÃO

**ANTÓNIO FRANCISCO DELFINO**  
VENDA E ASSISTÊNCIA TÉCNICA A PNEUS DE LIGEIROS E PESADOS  
PNEUS AURORA - MECÂNICA GERAL  
Tel. 286 555 416 - Telem. 962 341 322  
GARVÃO

**Drogaria Carapinha**  
De: Rui Nuno Gonçalves Carapinha  
REDES - TINTAS - RAÇÕES  
CEREAIS - FERRAMENTAS - ETC  
Tel. 286 555 441  
Tlm. 936 337 373  
Rua Nova, 28 - GARVÃO

**Restaurante Martins**  
Bairro Novo da Sardoá  
Lote 38  
de  
Joaquim Martins Moreira Costa  
7670 Garvão  
Tel.s - 936 347 021 e 932 592 913

**LINDA MIRIAM DÓLORES DE BRITO CARVALHO**  
Tel. 286 555 371  
Tlm. 939 441 637  
Rua do Álamo, 4  
7670 GARVÃO



# A DIVINDADE do Depósito Votivo

Uma das questões em aberto sobre o Depósito Votivo de Garvão é a identidade da Divindade a que se prestou culto. As placas oculadas recolhidas no depósito, retangulares, trapezoidais ou bi-circulares, mostram olhos, quer circulares quer amigdalóides, com os cílios indicados, ou transformados num padrão radial que ocupa toda a placa. São, alegadamente, uma representação dessa divindade. Uma das figuras antropomórficas (infelizmente perdida) era consituída por uma cabeça sobre uma palmeta que desenhava simultaneamente os seios, os membros eram sumariamente indicados. A outra figura mostra uma cabeça tocada (ou apenas com um penteado alto) e um objecto (hemi-lunar?) suspenso sobre o peito (Beirão et al. 1986, n.ºs 78-79).

Para estas figurações foi apontada, sobre a base de paralelos iconográficos, a assimilação de uma divindade indígena com uma entidade sincrética Tanit / Ashtart / Demeter, o que não seria um fenómeno inédito na Península (Beirão et al. 1986, 217).

Não existe, no entanto, qualquer razão para apontar uma associação a Ataecina (Gomes e Tavares da Silva 1995, 38) senão a geográfica, que é insuficiente. Mas o panteão cultuado foi, muito provavelmente, muito mais complexo do que a investigação de um depósito secundário poderá algum dia indiciar.

n: *“Algumas considerações sobre os centros de poder na Proto-história do Sul de Portugal”*. Virgílio Hipólito Correia, Revista de Guimarães, Volume Especial, II, Guimarães, 1999, pp. 699-714

# ESTRUTURAS CULTUAIS

A existência de estruturas culturais em núcleos urbanos pré-romanos está bem documentada no Sudoeste Peninsular, entre outros pontos em Capote (Badajoz, Espanha), onde se localizou um depósito votivo primário: um conjunto de peças selado enquanto decorria a sua utilização ritual (Berrocal 1992, 1994). A estrutura a que o depósito se associava era uma pequena câmara, integrada na estrutura urbana do povoado, largamente aberta para a rua. Um banco onde se empilhavam contentores cerâmicos de uma tipologia particular rodeava as paredes, no centro um altar construído em alvenaria a seco serviu como mesa para uma refeição ritual. Nesta, terá participado, no sentido estrito, um número de pessoas próxima das duas dezenas, logo sendo os animais sacrificados distribuídos pela restante população do povoado. Neste caso parece não ter existido uma noção clara de culto a uma divindade específica, mas sim um ritual público, gentilício ou supra-gentilício, parecendo difícil que uma estrutura como a de Capote pudesse gerar a acumulação de ex-votos capaz de vir a produzir um depósito secundário com a dimensão do de Garvão (Berrocal 1994, 263-275). Por outro lado, o povoado a que os romanos conheceriam sob o nome de Mirobriga Celticorum inclui, na sua área mais elevada, um templo cujo estatuto sacro foi suficientemente marcante para que sobrevivesse, com remodelações, até à construção romana do fórum e com ele coexistisse por um período indeterminado (Correia 1995, 244-246). A prestação de culto a uma divindade num templo como este, poderia, ao fim de um certo período de tempo e dependendo do volume e tipo de oferendas que o costume e a esfera geográfica de difusão do culto acarretassem, levar à necessidade de criação de depósitos secundários.

Depósitos secundários de peças votivas, terão existido com mais frequência em antigos santuários, em qualquer época, do que a arqueologia tem oportunidade de conhecer e estudar.

No seio das sociedades complexas da Idade do Ferro Peninsular, as divindades terão desempenhado um papel muito importante na consolidação das estruturas supra-gentilícias que agregavam a sociedade. O fenómeno de concentração económica, apenas vagamente indiciado pela concentração de objectos cerâmicos,

In: *“Algumas considerações sobre os centros de poder na Proto-história do Sul de Portugal”*. Virgílio Hipólito Correia, Revista de Guimarães, Volume Especial, II, Guimarães, 1999, pp. 699-714

**Padaria  
MARTINS**  
Rua de Ourique, 22  
de: Joaquim Martins Moreira Costa  
Telems.: 926 005 930 - 936 347 021 - GARVÃO

**CAFÉ CANELAS**  
de: José Guerreiro Manuel  
[Contacto: 286 555 133]  
Telefone: 286 555 109  
Telemóvel: 905 097 101  
Largo da Estação n.º 24 7670-128 GARVÃO

**PADARIA VITÓRIA**  
Joaquim  
Rosário Guerreiro  
  
Telef. 286 555 133  
Rua Nova, 3 - 7670-141 GARVÃO

**Garvão**  
minimercado  
Da. José António Silva Nunes Lg. da Palmeira, 4 - OURIQUE  
**GARVÃO SUPER**

**Adília Pereira Coelho**  
TINTAS  
DROGAS  
FERRAGENS  
MATERIAL PARA PESCA  
  
Tel. 286 555 173 - Resid. 286 555 381  
Rua do Álamo, 12 GARVÃO

**Kafé Snack - Bar**  
"NOVO RUMO"  
Servem-se refeições e petiscos diversos  
  
Cerveja: Maria de Fátima Barreira / Paula Bárbara  
Telems.: 934 785 927 / 936 234 652  
Rua do Álamo, N.º 11 \*\* 7670-136 Garvão



# SUL e SUESTE

## LUÍZA. (IV Parte)

**Crónica de "LUÍZA", do livro "SUL e SUESTE Prosas de Além-Tejo" de Joaquim da Costa, Natural de Garvão, publicado através das oficinas da Gazeta do Sul no Montijo, em 1940**

O que êle quere, sabe-se o que é...

- Quere para a filha um noivo rico, aá está.

- É um ambicioso. Não se farta de riqueza.

- E é de ruins figados, e não se fará rogado para atirar sobre o moço, se o vê a namorar a filha, como quem atira sobre um porco-espinho. Alma danada, que há-de ir, numa noite de tormenta, de raios e trovões, para as profundezas do inferno!..

Continuaram na sua faina. Umás após outras, As hastes mortas tombavam no chão. Por toda a vlnha, que as chuvas de um longo inverno, tinham despido completamente, a terra úmida cheirando a folhas apodrecidas, havia um grande silêncio... Calados, entregues ao seu trabalho, os dois homens iam avançando lentamente por entre as vides.

Um rumor... Olharam, O lavrador avançava de ao pé da cabana do guarda, que ficava perto. Chegou junto deles, deu-lhes as «boas tardes» numa voz áspera, lançou um rápido olhar ao trabalho feito, e continuou na sua marcha.

A passo lento, um pouco curvado, a espingarda ao ombro, desapareceu por fim detrás duma colina redonda, além da vinha.

Ele escutara a conversa dos dois podadores.

A porta da cabana, aberta em direcção oposta àquela em que avançavam os dois homens, facilitara a entrada do lavrador que, sem ser visto mas vendo os podadores e ouvindo-os pelas aberturas do capim seco, pudera inteirar-se do que à cerca da filha se murmurava.

Ao primeiro impulso, ouvindo aquêle diálogo, tivera ganas de sair da cabana e, fazendo da caçadeira cacete, agredir os dois homens, dar-lhes pancada até não poder mais. Um certo sentimento de prudência, o receio do escândalo, eis o que o contivera.

Uma cólera surda fervia nele, e agitava-o no caminho para o monte. A espaços, estacando no meio da estrada, falava alto:

- O almocreve! O Braga! Que patife!... Atrever-se a... Já viram maior arrôjo?...

E também não podia compreender como é que a filha herdeira certa de parte de seus bens, ricos tratos de terrenos de pão, e montados, não esquecendo a vinha, e que era uma das raparigas mais bonitas e jeitosas do sítio, instruída como poucas, pudesse gostar do Braga, pobre diabo sem um palmo de terra onde caísse morto, um pobretão, um pelintra!

Certo, este homem ouvira já pronunciar a palavra amor. Já tinha ouvido falar em casamentos por amor.

Mas a essa idea, indignou-se mais.

- O amor, o amor e uma cabana! Lérias, cantigas... E recordava-se daquele recém-casado que, em resposta à sua cara metade que lhe rogava: «Olha para mim, adoração»,

respondera: «olhava para ti, se tu fôsses pão...» Para este homem, o sentimento verdadeiramente alto e digno, que agitava o mundo era o amor à riqueza e, sobretudo, à terra. E esse sentimento conhecia-o, tinha-o bem enraizado no mais íntimo recesso do seu coração. Por um palmo de terra seria capaz de jogar a vida. A terra, as suas terras, a herdade, o montado, a vinha! Como ele amava tudo isso, que era o seu mundo! As dores da terra, sentia-as mais profundamente que as dores da família.

Bastava que não chovesse e as sementeiras se ressentissem da falta de água, para que se tornasse mais colérico, tratando todos duramente, não comendo nem dormindo.

Mas chovia, e a face terrosa e áspera do lavrador desanuviava-se, e denunciava certa satisfação.

Ele tinha sofrido já grandes dores. Vira morrer o pai, a mãe, e assistira aos últimos momentos da espôsa. A morte desta abalara-o de véras. Ficara dêsde aí mais carrancudo, intratável, e fugia das convivências amistosas. A mulher fôra sua companheira e escrava dedicada durante longos anos, auxiliara-o na labuta rude da herdade, cornpartilhara das suas dores e soubera enfrentar, a seu lado, as terríveis dificuldades que nos anos de séca, de ruins searas, os assaltaram. Sofrera, sim, com a morte da mulher. Mas ah! Que dor sentiria se um dia visse em mãos alheias as suas terras, aquelas terras que eram a suprema razão da sua existência! Estimava a família, sim; votava sincera afeição às filhas. Mas amor, verdadeiro amor, só o sentia por essa herdade que dava o pão, a carne e o vinho.

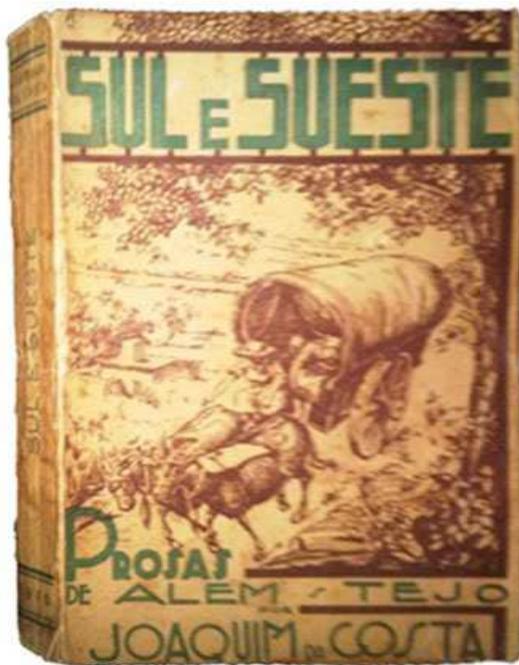
Ora, as possuíam já alguns terrenos, herdados de sua mãe. Tinham ali o seu quinhão. Mas quando casassem, assim o mandava a lei, aos maridos competiria a administração dos bens comuns. E o lavrador pensava que, deixar às filhas a liberdade de escolherem noivo, era arriscar-se a ter um dia como genros quaisquer pobretões cheios de fome, capazes de devorarem, em pouco tempo, os bens da casa. Essa idea feria-o rudemente, fazia-o sofrer, e exclamava, danado:

- Não! Isso, nunca!...

Êle considerava que, além de ruínosa para a casa, uma tal união, o casamento da filha com um reles almocreve, representaria aos olhos do mundo, nem mais nem menos, o descrédito de uma família inteira.

Ambicioso e orgulhoso, era apenas aos sentimentos de ambição e de orgulho, que atendia.

Por isso a conversa, que surpreendera na vinha, o fazia erguer, fervendo em raiva, contra o almocreve e a filha.



# CHOCALHOS

## Uma vez fui à feira de Garvão...

<http://alcacovas.blogs.sapo.pt/2006/10/24/>

### DO BLOG A ALDRABA - O MUSEU DO CHOCALHO EM ALCÁÇOVAS

O Museu do Chocalho em Alcáçovas No concelho de Viana do Alentejo, na lindíssima vila de Alcáçovas, um artesão chocalheiro, apaixonado pelo seu ofício, foi fazendo da oficina um museu.

“Chamo-me João Chibeles Penetra, tenho 75 anos, e nasci em Alcáçovas em...”, assim começa o mestre a sua apresentação e a do museu que criou na própria oficina, para que fique testemunho de uma “arte” que um dia poderá ser devorada pela globalização. “As pessoas vinham visitar a minha colecção de chocalhos e eu, inda bem não, ouvia dizer: há um segredo para fazer um chocalho. E eu um dia deitei-me e veio-me à ideia de mostrar, da primeira fase até à última, como se faz o chocalho, para as pessoas verem que não há segredo nenhum. É preciso aprender-se como se aprende outro ofício qualquer(...)”

Pela devida ordem, que por ali não se usa nem nunca se usou a produção em série, automática e anónima, cada chocalho, grande - manga, sem serra, castelhano - ou pequeno - chocalho, campanilha, picadeiro, chocalhinho - tem um percurso próprio, um som exclusivo, como que uma identidade única.

**Riscar e talhar a folha de ferro** - “Eu explico. A gente não vai fazer dois chocalhos, ou cinco chocalhos ou seis chocalhos e dizer assim vou fazer estes chocalhos e saem com aquele som, não senhor, não somos capazes, nem ninguém sabe. A gente calcula a folha que vai aplicar a determinado tamanho de chocalho e põe-lhe o metal, mais ou menos, nuns e noutros; isto não tem peso nem medida, e um calculo da gente, da grande experiência que tem, pode num pôr um bocadinho mais noutro um bocadinho menos, quando está a talhar com a tesoura, não é com aquela medida exacta, e a olho, e portanto, pode cortar mais, pode cortar menos, e quando está a fabricá-lo, a moldar, pode-se fechar ou abrir mais a boca, conforme o talhe que

se tire e aí oscila logo o som. Para tirar um dúzia de chocalhos com o mesmo som tenho que fazer cem para tirar esses doze com o som mais ou menos igual (...).”

**Enrolar, pôr o céu e a asa** - “Depois começa-se a moldar - chama-lhe a gente enrolar o chocalho - com o martelo, na bigorna; faz esta composição, dobrou, chama-lhe a gente meter os cantos, que é para fazer a orelha do chocalho onde segura a asa para pendurar, p’ra meter a coleira e segurar ao pescoço do animal. A seguir abre-se um buraco que é para meter o céu, onde se pendura o badalo para fazer tocar o chocalho - a gente corta umas tiras da própria chapa ao tamanho do chocalho que está a fazer. À ponta faz-lhe as pestanas. (...)O nome céu já vem de muito atrás. Uma das vezes vou a uma feira, à feira de Garvão, e há um moiral que olha p’ra mim e diz-me assim: Ó amigo, você sabe qual é o mestre que trabalha mais alto que todos? E pá, eu nunca tinha ouvido isso e disse: não sei, não senhor. Então você não sabe? Pois claro que não. É o chocalheiro, porque trabalha por cima do céu (do céu do chocalho), quando está a pôr a asa. Portanto o céu está aqui e agora põe-se a asa aqui por cima. (...)” Por **as marcas** - “A seguir é que se põem as marcas de fabricante ou de casas agrícolas. Esta marca que está aqui é minha, esta outra era do meu pai (...)”

E ainda: **Embarrar. Soldar ou cobrear. Rebolar. Dar água. Temperar ou afinar.**

Por o badalo - embadalar.

Para terminar, um fecho, **fecho de coleira**, esta feita à medida aproximada do cachaço ou cabeçorra do animal. “Depois veio a cágueda que é de madeira, que é aí que eu digo que há cáguedas muito bem feitas, cáguedas arrendadas a bico de navalha, feitas pelos moirais, que nesse tempo quando andavam nos burros e nas éguas tinham tempo para fazer isso tudo e agora é um bocado de pau e pronto! Faziam-nos com raízes de azinheira, que é uma madeira branda antes de ver o Sol, mas depois de trabalhada e de seca é ferro. Foi o próprio vaqueiro que me explicou isto tudo (...)”

**paraFarmácia**  
GARVÃO

Técnicos: Luís Miguel de Oliveira Vieira Reis  
Rua 25 de Abril n.º 3  
7670 - Garvão

Tel: 286 555 200  
Fax: 286 555 400  
parafarmacia@garvao.horrel.com

**MONTARAZ**  
GARVÃO

**ALDRABA ALCÁÇOVAS**  
Rua Eng. Duarte Pacheco 1-3  
Alcáçovas 43  
7690-200 Garvão  
Tel - Fax 286 511 545  
Email: funs@alcovaras@sapo.pt

Joaquim Gonçalves: 938870888  
Eli Guerreiro: 968163673  
932805643  
Pedro Gonçalves: 932828541

**Agencia Funeraria Alentejana**  
Trazendo a modernidade para todos e para todos

Sede:  
Rua Eng. Duarte Pacheco 1-3  
Alcáçovas 43  
7690-200 Garvão  
Tel - Fax 286 511 545  
Email: funs@alcovaras@sapo.pt

Filial:  
Centro Comercial  
Vila Nova de São Pedro  
Lago de Garvão  
Rua Gago Coutinho 72  
7690-200 Sobral  
Tel - 263 882 117  
Estrada Nacional  
3 1049  
Odivelas

**MOVIGARVÃO**  
Carlos Alberto Guerreiro Silva  
Telem. 934 059 159  
Móveis - Electrodomésticos  
Tapetes e outros artigos  
de decoração para o Lar  
Candeieiros - Cozinhas por medida

Tel/Fax 286 555 164 - B.º Escola, L 2 - GARVÃO

**“BAR DA ESTAÇÃO”**  
REFEÇÕES E PETISCOS REGIONAIS  
de: Célia Maria Pacheco Silva

Telem. 917 591 497  
7670 - 129 FUNCLEIRA - GA

**REVEZ & GONÇALVES**  
Materiais de Construção, Lda.  
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO  
PECUÁRIA  
VENDA A RETALHO

Telef. 286 555 151 - Largo da Amoreira, 4 - GARVÃO



# FAMÍLIAS DE GARVÃO COM HISTÓRIA

## Família Corte Real



Este sobrenome é um apelido de família da onomástica da língua portuguesa com origem na família Costa, dado que os

primeiros Corte Real foram filhos de D. Vasco Anes da Costa, que foi um Cavaleiro medieval do Reino de Portugal e homem honrado pela Casa Real na localidade de Tavira. Foi contemporâneo do rei D. João I de Portugal.

Dos descendentes do primeiro Vasco Anes, que foram capitães-donatários da Ilha Terceira, saíram vários navegadores que participaram nas descobertas marítimas portuguesas, particularmente João Vaz Corte Real, que alcançou a Terra Nova a partir da ilha Terceira, e dois dos seus filhos perderam-se ao tentarem navegar mais além.

As armas usadas por estes Corte reais são as que o rei D. Afonso V de Portugal concedeu a Vasco Anes, que tem o brasão dos Costa como base, mais com o acrescentamento honroso de um chefe de São Jorge.

De vermelho, seis costas de prata saintes dos flancos do escudo e em duas palas, chefe de prata, uma cruz de vermelho. Timbre: um braço armado de prata e guarnecido de ouro, com uma lança em riste de prata, hasteada de ouro, com uma flâmula bifurcada de prata e carregada com a cruz do chefe do escudo.

# “Alentejo prometido” de: Henrique Raposo

O autor de “*Alentejo Prometido*” gerou uma forte polémica, com epicentro nas redes sociais, ao dar uma imagem do Alentejo que muitos consideraram ser desadequada.

Diz quem o ataca no Facebook e nas caixas de comentários de blogs, jornais e revistas que *Alentejo Prometido*, de Henrique Raposo, faz um retrato completamente desajustado do Alentejo e de quem lá vive, um retrato que nada tem a ver com a realidade e que peca pela generalização, partindo daquilo que é, segundo o autor, a história da sua família.

Porque têm os alentejanos medo da verdade?

Onde está o Alentejo da tolerância?

Terá sido José Cutileiro autor do livro “*Ricos e Pobres no Alentejo*” um escritor maldito?

(...) *Talvez o Alentejo se tome respirável quando a geração do David, qual Ulisses, reconstruir a identidade sulista. Mas por enquanto sinto demasiadas arestas o ar desconfiado das pessoas, a distância gerada pela excessiva formalidade, os tabus sobre o passado, a falta de bairrismo, a ausência de liberdade e privacidade, o individualismo radical, a frieza emocional que nunca fala com as mãos e, acima de tudo, a cultura suicida. Quero as minhas filhas afastadas do sussurro melífluo que, à porta do velório do suicida, diz o seguinte ‘foi a escolha dele, temos de respeitar’. Não, não temos de respeitar. Até porque o que está em cima da mesa não é só a visão naturalista do suicídio da grande maioria da população. A par desse ângulo amoral, digamos assim, existe uma espécie de vanguarda que romantiza a figura do suicida. Em jantares de família é frequente ouvirmos os mais velhos a glorificar pessoas que se suicidaram; nem a presença de crianças à mesa bloqueia frases como ‘atão não se houvera de matar’ ou ‘matou-se, foi homem corajoso’. Não quero as minhas filhas no perímetro deste discurso. (...)*



A batalha instalada, com muitos comentários insultuosos e artigos de opinião a defenderem, em nome da liberdade de expressão, o direito do autor a escrever o que escreveu, parece estar para durar.

As críticas, que têm subido de tom na Internet e que levaram já a uma petição contra a venda do livro, que conta com mais de 2.200 assinaturas, condicionaram a sua apresentação pública, que viu dia e local alterados. O lançamento, na Livraria Bertrand do Picoas Plaza, em Lisboa, contou com a presença policial, embora discreta, deve-se às ameaças anónimas que Henrique Raposo começou a receber depois de ter falado sobre o livro num programa da SIC Radical – Irritações, conduzido por Pedro Boucherie Mendes –, e de o capítulo dedicado ao suicídio ter sido pré-publicado pelo jornal online Observador.

## CARPINTARIA CONVERSA

EXECUTAM-SE TRABALHOS EM ALUMÍNIO

- \* Portas
- \* Janelas
- \* Marquises
- \* Estores
- \* Portões
- \* Corrimões

Jorge Bento  
964 173 005

Garvão - Ourique

